

Fotos de Chiquito Chaves

Mesmo nos momentos mais movimentados da concentração estudantil de ontem no Centro da cidade, Amanauá, de câmara na mão, não parou um instante: queria gravar tudo

Índio quer vídeo

Interesse pela comunicação começou com o gravador e agora não pára mais

João Baptista de Freitas

Se da tradição de usar a memória para perpetuar imagens e narrativas de seus povos até a adoção dos gravadores os índios brasileiros deram um salto sonoro milenar, da troca daquele aparelho pelo revolucionário vídeo o tempo gasto por eles pode ser reduzido a um simples passo, conforme prova o comportamento de um xavante e de um kamaiurá, que estão no Rio para aprimorar o manejo das câmaras, sonham com um aprendizado na televisão e chegaram mesmo a encenar a filmagem da manifestação estudantil de ontem, no Centro da cidade.

Precursor do emprego do gravador entre os índios brasileiros, ele próprio vítima do que a moderna sociedade pode fazer com seus produtos, sejam eles humanos ou eletrônicos, o cacique Juruna caiu no esquecimento dos brancos num espaço de tempo tão curto quanto o que fez nascer a nova geração indígena do vídeo. Evidenciando isso, no último domingo, Amanauá (Chuva Vermelha), um kamaiurá de 25 anos, atraiu cerca de 300 pessoas ao Museu do Índio, em Botafogo, ao exibir seu vídeo *Jamaricumã: ritual feminino do Alto Xingu*. Um feito que poucos cinemas do Rio alcançam hoje em dia.

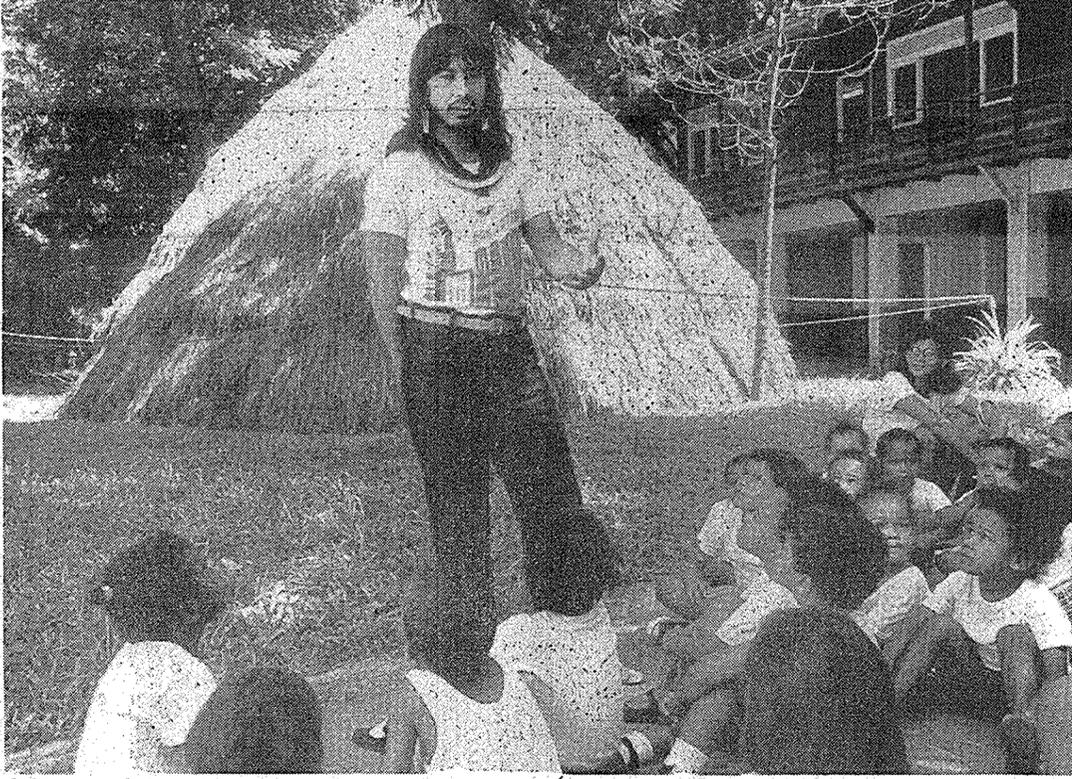
Mas Amanauá não documenta no vídeo apenas as festas do seu povo. Tornou-se conhecido entre outros índios e agora é chamado a diversas partes do Brasil para registrar conflitos de terra envolvendo invasores brancos e os habitantes das reservas indígenas. No ano passado, ele esteve entre os macuxi de Roraima, onde rodou cinco fitas sobre os problemas enfrentados pela aldeia. Nos próximos dias, irá ao Xingu, para gravar o encontro de xavantes e kamaiurás.

"Na minha aldeia, em outros tempos os costumes, as lendas, os fatos eram passados dos velhos para os jovens, principalmente por meio da palavra. Tudo era arquivado na memória. O gravador veio ajudar a perpetuar isso e o vídeo completa o trabalho, por meio da imagem", diz Amanauá. Ele confirma que as imagens têm grande importância entre os índios, que, ao longo dos séculos, sempre se expressaram também por meio de desenhos, da pintura de objetos e do corpo, usando ao mesmo tempo os traços e as cores.

O kamaiurá, que chegou a morar e a estudar no Rio, vive no Xingu, de onde se ausenta apenas para exercer seu papel de produtor de documentários ou exibi-los. O jenipapo — "que leva um mês para sumir do corpo" —, o urucum e o óleo de piqui são alguns dos frutos e plantas empregados pelos índios na pintura do corpo e que dão um colorido especial aos ambientes de festas e — em situações mais remotas — às cenas de guerra.

Amanauá aprendeu a usar o vídeo no ano passado, mas acha que precisa aperfeiçoar seus conhecimentos sobre o assunto. Tanto que obteve a promessa da diretora do Museu do Índio do Rio, Cláudia Menezes, de conseguir visitar empresas de televisão e acompanhar algumas filmagens. O documentário que apresentou no Museu foi feito com o auxílio de seu primo, Ianaculá, que já regressou ao Xingu.

Se Amanauá ou Chuva Vermelha, significado de seu nome entre os kamaiurá, já



Cuhkrá, ou Cabeça de Abelha, que trabalha no Museu do Índio, faz palestras para as crianças

transformou em realidade o seu sonho de virar operador de vídeo, outro índio Uné (Pau-Brasil), 21, xavante de Sangradouro, Mato Grosso do Sul, não vê o momento de segurar uma filmadora "e seguir o mesmo trilho do amigo Kamaiurá".

Uné (ou Arquimedes entre os brancos) admira Amanauá, assiste vídeos com atenção especial e pretende iniciar seus treinamentos em breve, tanto que sempre que possível maneja a filmadora, mesmo sem que ela tenha fitas. Irmão do cacique Domingos, chefe da aldeia xavante de Dom Bosco, na região do Rio das Mortes, Uné visita o Rio pela segunda vez.

Ontem, Amanauá, Uné e Cuhkrá (Cabeça de Abelha), um kaingang de 23 anos que trabalha no Museu do Índio, na restauração de peças, e também faz palestras para alunos de escolas do Rio sobre a cultura indígena, percorreram alguns pontos da cidade. No Centro, perto do MEC, depararam com a manifestação dos estudantes e, alegres, fingiram que filmavam a concentração.

"Olha os índios, olha os índios filmando a gente" — gritou um estudante chamando a atenção de outros e, involuntariamente, assustando os três que procuraram deixar o local rapidamente.

Nas proximidades do Aeroporto Santos Dumont, à beira mar, Uné admirou-se ante a visão do Pão de Açúcar e comentou com amigos que "um dia irá até lá".

Numa demonstração de que a ideia de fazer vídeos é uma constante em seu pensa-



A beleza do Santos Dumont merece registro

mento, pediu a filmadora emprestada e olhou o morro através da câmera por várias vezes. "Os gravadores entre os xavantes não são mais novidades, muitos companheiros têm esses aparelhos em suas malocas. Mas o vídeo é hoje a grande aspiração dos jovens da nossa aldeia", disse Uné, que fala português muito bem.

A atração por aparelhos de som e o prazer de ver fotografias e filmes não significam que os índios desejam trocar suas comunidades pelas grandes cidades. Pelo menos é o que garantem Amanauá e Uné, que revelam não gostar de barulho, de ar impuro e multidão. Sem contar o desagrado pela arquitetura urbana, manifestado por Uné ao deparar com um enorme edifício dominado por vidro fumê no Centro: "Coisa feia. Dói até os olhos".

Mais afeito ao ambiente urbano, há oito meses trabalhando no Museu do Índio, Cuhkrá, kaingang do Paraná, afirma que um dia também pretende deixar a cidade grande e rumar para sua aldeia. "Mas antes quero saber dominar o vídeo, para documentar as belezas ou mesmo a miséria de meu povo". E se nem todos têm condições de começar a fazer isso hoje, a partir da falta de equipamentos, ao menos os três estão informados de que em breve terá início no Brasil um projeto da Funai com o título de *O Índio por ele mesmo*, que consiste justamente na documentação da tradição indígena por meio de vídeos gravados por representantes das próprias aldeias.

História indígena para o Rio

O *Diário Oficial* do Município do Rio de Janeiro circulou ontem com um suplemento especial de 24 páginas contendo exclusivamente informações sobre os indígenas do Brasil. O suplemento, editado em convênio entre a Secretaria Municipal de Educação e o Museu do Índio, está sendo distribuído aos professores do Rio.

Com dezenas de desenhos reproduzindo armas, pintura de corpos, instrumentos de caça e pesca, armas e textos sobre lendas, o suplemento dá indicações de como as escolas podem utilizá-lo em aulas sobre a cultura indígena. Há também informações sobre diversas tribos e acontecimentos históricos envolvendo os índios.

Um dos episódios recordados no suplemento é o da fundação da Federação dos Tamoios, considerado o primeiro movimento de resistência indígena contra a opressão dos brancos no Brasil. Kunhambebe, cacique tupinambá de uma aldeia localizada onde fica hoje a cidade de Angra dos Reis, foi o primeiro chefe da confederação.

A subida para o céu, mito dos bororo de Mato Grosso do Sul, a lenda do guaraná, dos sateré-maué do Estado do Amazonas e a pintura corporal dos carajás também são narrados e acompanhados de ilustrações, no documento a ser usado em atividades em turmas de jardim de infância, classes de alfabetização das escolas de 1º grau, da primeira até a 4ª série. O suplemento faz parte da programação alusiva a 19 de abril, Dia do Índio.